

# Choque do futuro

## Alvin Toffler

“Em 1965, num artigo publicado na revista *Horizon*, inventei a expressão ‘choque do futuro’ para descrever a tensão arrasadora e a desorientação que causamos aos indivíduos ao submetê-los a excessiva mudança num espaço de tempo demasiado curto.” (Toffler, 1970, p. 8)

“Primeira: tornou-se evidente que o choque do futuro não é um perigo potencial distante e, sim, uma doença autêntica, da qual já padece um número cada vez maior de pessoas. Este estado psicobiológico pode ser descrito em termos médicos e psiquiátricos: é a doença da mudança.

Segunda: foi com pavor crescente que compreendi como é pouco o que realmente sabem acerca da adaptabilidade tanto aqueles que exigem e provocam grandes mudanças na nossa sociedade, como aqueles que nos deveriam preparar para estarmos à altura dessas mudanças.” (Toffler, 1970, p. 8)

“[...] por que motivo sentem alguns homens uma vontade, uma fome quase furiosa de mudança, enquanto outros fogem dela? Não só não encontrei respostas prontas a estas perguntas, como ainda descobri que nos falta, até, uma teoria de adaptação adequada, sem a qual é muitíssimo improvável que venhamos alguma vez a encontrar as necessárias respostas.” (Toffler, 1970, p. 9)

“A aceleração da mudança não se limita a afectar indústrias ou nações; é uma força concreta que se infiltra profundamente na vida pessoal, nos obriga a representar novos papéis e nos coloca frente a frente com o perigo de uma nova e muitíssimo perturbadora doença psicológica.” (Toffler, 1970, p. 16)

“A maioria dos voluntários do Corpo de Paz e, na realidade, dos viajantes, tem a reconfortante certeza de que regressará à cultura que deixou; a vítima do choque do futuro não tem essa certeza.” (Toffler, 1970, p. 17)

“O que está a acontecer agora é segundo tudo indica, mais profundo e mais importante do que a revolução industrial. Na realidade, um número crescente de opiniões dignas de crédito afirma que o momento presente representa nada menos do que a segunda grande cisão da história humana, só comparável em magnitude à primeira grande ruptura da continuidade histórica que foi a passagem do barbarismo para a civilização.” (Toffler, 1970, p. 18)

“Cerca de 1956, os Estados Unidos tornaram-se a primeira grande potência em que mais de 50% da força de trabalho não agrícola deixou de usar a ganga característica do labor fabril ou manual” (Toffler, 1970, p. 20)

“Se a desaceleração é uma nova força social, a transitoriedade é o seu equivalente psicológico, e se não compreendermos o papel que ela representa no comportamento humano contemporâneo, todas as nossas teorias de personalidade, e toda a nossa psicologia permanecerão irremediavelmente pré-modernas. Sem o conceito de transitoriedade a psicologia não pode ter em

conta os fenómenos que são caracteristicamente contemporâneos.” (Toffler, 1970, p. 23)

“O problema era deveras complexo. Como preadaptar crianças a um mundo novo de trabalho repetitivo, portas adentro, a um mundo de fumo, barulho, máquinas, vida em ambientes superpovoados e disciplina colectiva, a um mundo em que o tempo, em vez de regulado pelo ciclo sol-lua, seria regido pelo apito da fábrica e pelo relógio.

A solução só podia ser um sistema educacional que, na sua própria estrutura, simulasse esse mundo novo. Tal sistema não surgiu logo; ainda hoje conserva elementos retrógrados da sociedade pré-industrial. No entanto, a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de génio industrial” (Toffler, 1970, p. 393).

“Consideremos, por exemplo, o contraste entre os modos como as escolas de hoje tratam do espaço e do tempo. Todos os alunos, em praticamente todas as escolas, são cuidadosamente ajudados a localizar-se no espaço. Têm de estudar geografia. Mapas, atlas e globos ajudam-nos a ter consciência da sua localização no espaço. [...]

No entanto, quando se trata de localizar a criança no tempo pregamos-lhe uma partida cruel e prejudicial. Mergulhamo-la o mais possível no passado do seu país e no do Mundo: tem de estudar a Grécia e a Roma antigas, o advento do feudalismo, a Revolução Francesa, etc.; [...]

E, então, o tempo pára. A escola é muda acerca do amanhã. [...] [p. 415] O tempo pára bruscamente, a atenção do estudante é orientada pra trás e não para a frente. O futuro, já banido da sala de aula, é também banido da sua consciência, como se fosse uma coisa inexistente, como se não houvesse futuro.” (Toffler, 1970, p. 414-415)

“Não temos uma literatura do futuro para usar nesses cursos, mas temos literatura acerca do futuro, literatura que não consiste apenas nas grandes utopias e sim, também, na ficção científica contemporânea. A ficção científica é tida em baixa conta, como literatura inferior, e talvez mereça esse desdém crítico. No entanto, se a considerarmos como uma espécie de sociologia do futuro, em vez de como literatura, a ficção científica reveste-se de grandíssimo valor, pois é uma força que instila no cérebro o hábito da antecipação. Os nossos filhos deviam estudar Arthur C. Clarke, William Tenn, Robert Heinlein, Ray Bradbury e Robert Sheckley, não por estes escritores lhes saberem falar de foguetões e máquinas de tempo, mas sobretudo porque poderão conduzir os seus cérebros juvenis através de uma exploração imaginativa da selva de problemas políticos, sociais, psicológicos e éticos que terão de desbravar quando adultos. A ficção científica deveria ser leitura obrigatória do Primeiro Curso de Futuro.” (Toffler, 1970, p. 417)

“É possível arranjar outros jogos, destinados a crianças mais novas. A fim de fortalecer a imagem que o indivíduo tem do seu papel futuro, pode-se mandar os estudantes escrever as suas ‘auto-biografias futuras’, nas quais se representarão como julgam vir a ser dentro de cinco, dez ou vinte anos. Apresentando depois os trabalhos a discussão colectiva, na aula, comparando as diferentes presunções descritas, poderão identificar-se e estudar-se as contradições existentes nas projecções de si mesmas, no futuro, feitas pelas crianças.” (Toffler, 1970, p. 418)

“Estes exercícios, conjugados com o estudo das probabilidades e métodos simples de previsão, podem ser úteis à vida pessoal, delinear e modificar a concepção do futuro, tanto pessoal como social, de cada indivíduo. Podem criar um novo sentido individual do tempo, um nova sensibilidade acerca do amanhã” (Toffler, 1970, p. 418)

Choque do futuro é o estresse e desorientação esmagadoras que nós induzimos nas pessoas expondo-as a muita mudança em um tempo muito curto. A tecnologia se alimenta dela mesma. A tecnologia torna mais tecnologia possível. (Alvin Toffler)

Os analfabetos do século 21 não serão aqueles que não conseguem ler e escrever, mas aqueles que não conseguem aprender, desaprender e reaprender. Alvin Toffler

TOFFLER, Alvin. Choque do futuro. Lisboa : Edição Livros do Brasil, 1970.